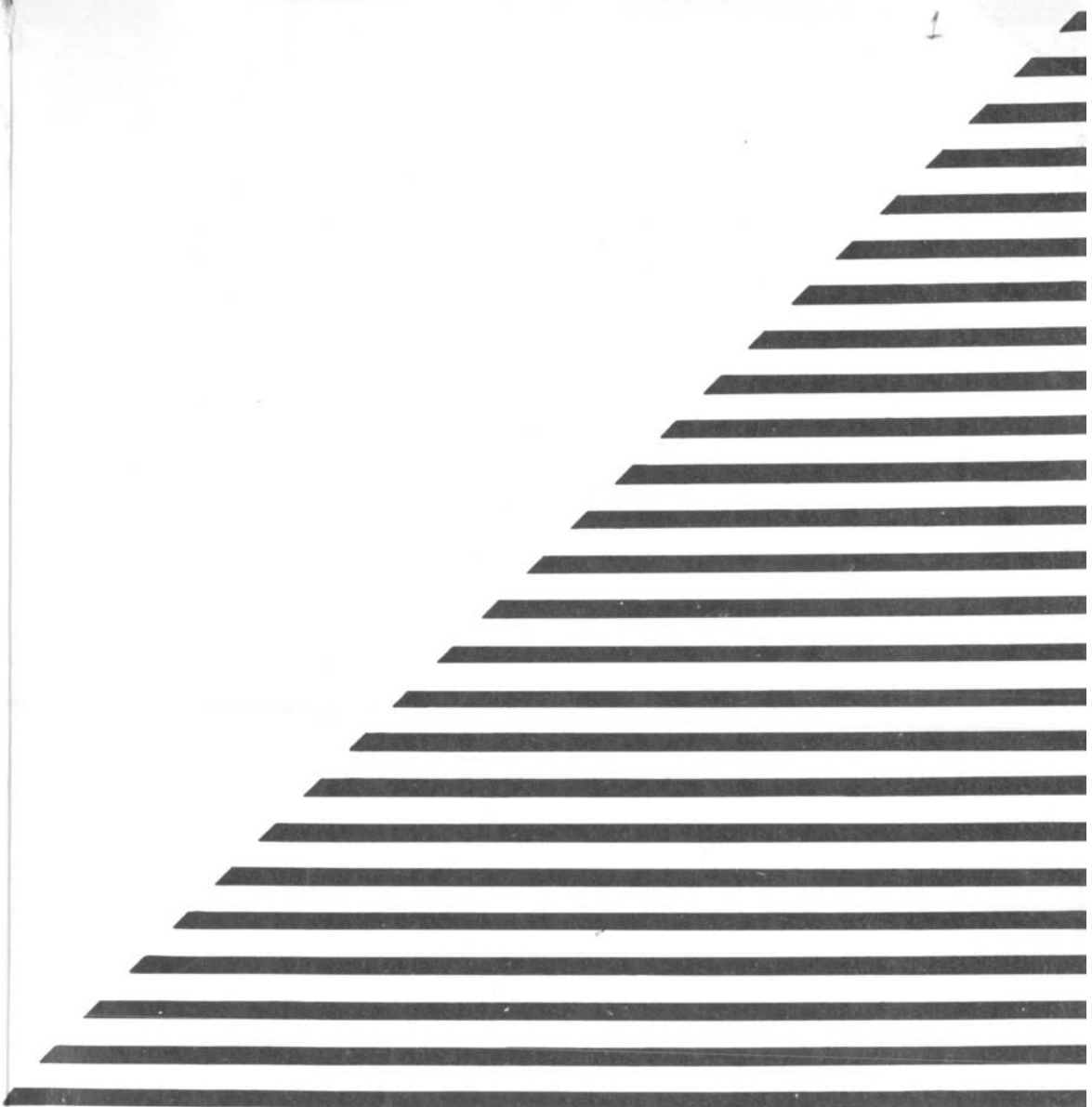


ANAIIS DO I CONGRESSO
BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA
01



ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

**ANAIIS DO I CONGRESSO
BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA**

Rio de Janeiro, de 15 a 20 de outubro de 1972

PALAVRAS DO PRESIDENTE DA AAB

Prof. José Pedro Pinto Esposel

Não esperem ouvir do Presidente da Associação dos Arquivistas Brasileiros palavras convencionais brilhantes e festivas, próprias da abertura solene de um Congresso.

Evidentemente não deixamos de vibrar e nos emocionar com uma noite de grande gala, beleza e entusiasmo. Mas em momento nenhum podemos nos esquecer que temos uma missão a cumprir. Uma mensagem deve ser emitida em alto e bom som, em qualquer ocasião que se ofereça: pela defesa de um patrimônio em vias de desaparecer, em prol de um desenvolvimento cada vez mais acentuado do País.

Um grupo de pessoas dispostas, conscientes, experimentadas, solidárias, uniu-se em torno de uma causa: a dos arquivos brasileiros. Causa justa, necessária. Esquecida. Deturpada.

Surgiu desse ideal a Associação dos Arquivistas Brasileiros. Centenas de adesões nos deram o estímulo para prosseguir. E chegamos ao I Congresso, vitorioso em número, assinalando um interesse notável pela matéria, um potencial que há de explodir em manifestações incisivas e improrrogáveis sobre a necessidade de maior atenção, estímulo e entendimento para o assunto. Responderam e vieram prestigiar a convocação, participar e dar o melhor de seus esforços os bibliotecários e documentalistas, os historiadores e demais pesquisadores, administradores, empresários, médicos, o vigor e a esperança dos jovens estudantes e, é claro, os arquivistas. Brasileiros em primeiro lugar.

Não cause surpresa a diversidade de profissionais que se reúne em um conclave de arquivologia. Afinal a todos serve o arquivo e de todos espera uma atitude decisiva pela sua valorização.

Com os bibliotecários — queridos irmãos e amigos — acham-se as atividades de arquivo intimamente relacionadas, inclusive por suas origens comuns. Conquanto bastante diferenciados em seus métodos, técnicas, objetivos e material, estamos no mesmo e amplo campo da documentação, juntamente com os museólogos e documentalistas. Cada qual devendo cumprir na sua especialidade as relevantes funções de instrumentos da cultura, de bases do progresso.

Do historiador e demais pesquisadores são as fontes primárias, o testemunho valioso do passado, da obra e ação humana. Sem documentação não há história, sem arquivo não existem documentos significativos.

Administradores, empresários, o comércio, a indústria, bancos, o Governo em qualquer modalidade, necessitam de arquivos eficientes. Já não se trata de respeitar e explorar o passado, mas de valorizar o presente com vistas ao futuro.

Como desenvolver, progredir, alcançar um estágio de nação evoluída sem ordem? Ou esta será aplicável e essencial apenas em determinados aspectos? Podemos ter a ordem social não dispondo de serviços racionalmente concebidos? E alguma coisa pode ser feita sem o documento? Algum governo se exerce sem o ato escrito? Por que a negligência, o pouco caso, o desconhecimento da importância dos arquivos?

Dos estudantes, responsáveis por melhores dias que estão por despontar, muito esperamos.

O movimento de valorização foi desencadeado. Não devem mais ecoar ao acaso, sem resultado, o pedido de providências, as denúncias, as manifestações de desencanto e pesar dos intelectuais brasileiros, nem servir de conforto a justificativa que semelhante é a situação em alguns outros países.

Até então os governos, principalmente, se omitiram e se descuidaram. E nossa esperança maior está justamente, na disposição dos atuais detentores do poder público de completarem a radical reforma a que se propuseram, situando os arquivos na justa posição que lhes corresponda. Somos apressados por natureza e ansiamos por avançar mais rapidamente. Reconhecemos, contudo, que os primeiros e decisivos passos nessa linha de entendimento já estão sendo dados.

Na direção do Arquivo Nacional, o Dr. Raul Lima, discretamente, como é do seu feitio, mansamente diríamos, tem se desdobrado numa gestão que, pelo muito já realizado, se inscreve dentre as mais notáveis.

Já no Ministério da Educação e Cultura, o Conselho Federal de Educação aprovou por unanimidade o fundamentado parecer do eminente Conselheiro Vicente Sobrino Porto criando cursos de nível superior e técnico para o profissional de arquivos.

A OEA e a UNESCO vêm insistindo num programa de incentivo e melhoria dos arquivos brasileiros.

E este Congresso dirá, com propriedade, o que falta fazer.

Muito obrigado.